



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

## Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>Luta de Classe e Movimentos de Desempregados na Argentina: reflexões a partir de dois casos de estudo</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Javier Ghibaudi<sup>1</sup></b>	Universidade Federal Fluminense	UFF	Professor
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
Este trabalho tem por objetivo discutir sobre os processos de ação coletiva de dominados, seus agentes e suas tradições na Argentina contemporânea. Com esse objetivo reflete a partir de dois casos de organizações de desempregados na Periferia da Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA) durante a década de 2000. Presta-se especial atenção aos processos históricos de luta de classes que se articulam com a formação dessa cidade, observando suas mudanças e permanências na atualidade. O trabalho busca dialogar criticamente com análises que acabariam reduzindo as mudanças no capitalismo contemporâneo e na ação coletiva a processos de exclusão social. Em contrapartida, destaca o caráter relacional, histórico e em disputa da ação coletiva desenvolvida pelas organizações em estudo, onde práticas e valores de uma tradição de classe trabalhadora são re-construídos a partir da sua ação, em novas condições e relações com outros agentes e instituições.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Classes – Buenos Aires – Ação Coletiva			

A tradição historiográfica, e as análises contemporâneas, coincidem em caracterizar à Argentina como um país onde, ao longo de grande parte do século XX, predominava uma identidade política e cultural de classe operária - *la clase trabajadora*. As tradições políticas trazidas pelas diversas correntes migratórias, o surgimento dos grandes movimentos populares, com destaque para o peronismo, e as tensões entre diversas classes e facções de classe são elementos de um rico debate, especialmente vivo na década de 1960 e 1970 (AGUIRRE e WERNER, 2007; MURMIS e PORTANTIERO, 2004).

Na última década do século passado, entretanto, o consenso sobre a classe operária como categoria analítica pertinente parece ter se tornado um acordo tácito sobre sua atual 'inoperância' diante do que seriam transformações políticas e econômicas profundas, não só na Argentina, mas também no sistema capitalista mundial. Dentro desse contexto, os estudos que se concentram na ação de setores dominados já não fazem referência a uma identidade e ação de classe ou a combatem abertamente. Os termos que aparecem são os mais variados, desde 'setores populares', 'pobres', até uma outra noção quase convertida em senso comum: a de 'excluídos sociais'. Sem o trabalho assalariado como vínculo social central, dentro de um processo de desindustrialização (BECCARIA, 2001) e

<sup>1</sup> javierghibaudi@id.uff.br

também de perda de poder das instituições historicamente ligadas aos trabalhadores – sindicatos e partidos políticos tradicionais – a ação coletiva pareceria ter que ter outros horizontes de luta e outros valores e princípios de identidade.

No início da década de 2000, porém, diversos movimentos ganharam visibilidade, tendo a maioria como eixo estruturante mais visível a questão do trabalho. No ano de 2001, dentro de um contexto de crise política e manifestações massivas conhecidas como ‘panelaços’ que levaram a renúncia do então presidente da nação, cobraram destaque no debate político e acadêmico os autodenominados movimentos de ‘desempregados’ e as organizações de trabalhadores de fábricas *recuperadas* – por aquelas em processo de fechamento que são ocupadas e geridas a partir de formas de cooperativas por seus antigos empregados (FAJN, 2003).

Esse fato ajuda a questionar em que medida a noção de classe e luta de classes continuaria sendo pertinente para analisar seu desenvolvimento. Com este objetivo, foram investigados duas organizações de trabalhadores desempregados em dois subúrbios da periferia de Buenos Aires, das quais serão analisadas brevemente suas composições, suas práticas e seus projetos políticos.<sup>2</sup>

Começando pelo *Movimiento de Trabajadores Desocupados La Juanita* (MTD), do município de La Matanza, sobressai sua relação com as ações que se agregam, em forma simplificada, sob o termo “movimiento piquetero”. Mais especificamente, e seguindo os conceitos de Svampa e Pereyra (2003), estaria dentro da vertente piquetera “barrial” ou “de bairro” que tem como base uma tradição e um trabalho territorial mais intenso, sendo isso mais comum nas organizações localizadas na Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA). Seus objetivos publicamente divulgados são a obtenção de “trabalho genuíno” para seus membros, questionam o Estado pela “crise do desemprego”<sup>3</sup> e nas suas origens participaram do bloqueio de estradas, os “piquetes”, para tornar visíveis suas demandas, iniciativas comuns às organizações *piqueteras*.

A organização começou a se articular nas *ollas populares* – encontros públicos para cozinhar e distribuir comida – do município de La Matanza em 1996, com o objetivo de fornecer comida às pessoas necessitadas, além de articular o protesto diante do poder público pela suspensão do fornecimento de energia elétrica por falta de pagamento no bairro de La Juanita. Nesse momento, segundo afirmam, foi quando perceberam “que o problema não era a energia elétrica, mas a falta de trabalho para pagá-la.”. A partir das tradições políticas de seus membros e das relações com outras organizações – com destaque para *Las Madres de Plaza de Mayo* e o *Instituto Movilizador de*

---

<sup>2</sup> Os resultados aqui apresentados são parte do projeto de pesquisa e Tese no IPPUR/UFRJ, ‘Territórios com Classe?: movimentos de desempregados na periferia de Buenos Aires (2000-2009).

<sup>3</sup> Ver Flores (2002) e boletins do MTD (2002, 2003, 2004).

*Fondos Cooperativos* (IMFC)<sup>4</sup> – foram se diferenciando de outras agrupações piqueteras ao sublinhar sua recusa em se tornarem beneficiários dos planos de transferência de renda do Estado e apoiar, sim, a geração de trabalho mediante cooperativas e uma maior articulação com o entorno social mais imediato.

A segunda organização, a Associação de Produtores Familiares (APROFA), foi formada em 1998, em ações relacionadas ao fomento de hortas familiares no bairro La Quebrada, de Paso del Rey, Município de Moreno. Durante a crise política de 2001, mudam sua estratégia e seus objetivos, trata de ‘agir no bairro...’ a partir de ações como refeitórios comunitários, oficinas de música e dança popular, empreendimentos de alimentos e de serigrafia, entre outros, mantendo o conjunto de hortas familiares. Com uma forte presença de estudantes universitários da área de agronomia e de serviço social, assim como de docentes de escola comunitária de um bairro vizinho, chamada *Creciendo Juntos*, APROFA também procura desenvolver empreendimentos cooperativos e realizar ações de educação popular seguindo os princípios de Paulo Freire.

Nas duas organizações, uma questão aparece como central e constante nas definições de seu projeto político: “a construção do poder popular”<sup>5</sup>. Quando indagados o significado e sentido dessa afirmação, seus elementos fundamentais tendem a coincidir em ambas as experiências.

Em primeiro lugar, afirma-se uma oposição a instituições e práticas dominantes no sistema político-eleitoral argentino. Para os membros das organizações, a classe política formalmente eleita “...não representa...” os “...reais interesses dos setores populares...”. O voto desses setores seria, para as organizações, uma simples formalidade que legitima uma classe política “desvinculada” de seus eleitores. Esse “...uso do voto popular...” denuncia-se, também, em uma oposição ao que os membros das organizações chamam de “...práticas clientelistas...” protagonizadas pelos “punteros eleitorais” – a maior parte do peronismo – nas áreas onde as organizações atuam<sup>6</sup>. Em segundo lugar, a proposta de “construção do poder popular” expressaria a negação da “conquista revolucionária do Estado” como estratégia política. Grande parte dos membros mais ativos das organizações afirma que no passado – década de 1970 – aderiam a essa estratégia, mas que ela se

---

<sup>4</sup> A primeira surge na última ditadura militar (1976-1983), com as passeatas feitas na Plaza de Mayo – sede do poder executivo de Argentina – pelas mães que reclamavam pela localização de seus filhos que, na sua maioria torturados e assassinados pela ditadura clandestinamente, são hoje conhecidos como “desaparecidos”. A partir do ano de 2001, a associação das Madres de Plaza de Mayo tem sua Universidade Popular e realiza ações públicas que, além da defesa dos direitos humanos e a busca dos desaparecidos e punição para seus executores, remetem a um ideário socialista. O IMFC é uma instituição formada em 1958 e que procura fomentar o cooperativismo na Argentina, tanto com recursos monetários quanto, fundamentalmente, difundindo pesquisas e atividades culturais dentro do “ideal cooperativista”. Ver IMFC (2008) e Asociación Madres de Plaza de Mayo (2010, a e b).

<sup>5</sup> Flores (2002), boletins do MTD (2002, 2003, 2004), o Periódico La Posta (2004 y 2005), e boletins de APROFA (2004) e entrevistas em fevereiro, maio e agosto de 2005.

<sup>6</sup> Para um estudo sobre as práticas do partido peronista nos subúrbios de Buenos Aires e o trabalho dos “punteros”, evitando sua simplificação, ver Auyero (2001).

mostrou “ineficaz”. Trata-se, agora, de “...mudar o bairro...” e o cotidiano a partir de uma ação centrada “...nos vizinhos...”.

Nas duas organizações, não aparece uma identificação com as instituições tradicionais de classe operária. Estas seriam parte da ‘classe política’ da qual procuram se diferenciar: os partidos e sindicatos tradicionais. Esta característica, entretanto, não impede que o trabalho continue sendo um elemento fundamental tanto de identificação quanto de proposta política. Ambas organizações reivindicam na sua ação e proposta ser trabalhadores: movimento de ‘trabalhadores’ desempregados, uma, associação de produtores, a outra. Seu projeto tem como um de seus pilares construir empreendimentos produtivos baseados em relações de trabalho e gestão cooperativas, onde é central a idéia de ‘trabalho digno’. Isto significa, segundo reivindicam, propor que seus membros não dependam nem de recursos do Estado, pois vai contra seus princípios de autonomia, nem de relações salariais em empresas capitalistas tradicionais, que de fato não oferecem empregos como antigamente o teriam feito, dentro do processo de desindustrialização na Argentina.

Investigar e questionar esses dois casos de estudo permite re-afirmar a importância de compreender a ação coletiva – seguindo a clássicos estudos como os de Thompson (1966) – como um *processo, relacional e histórico*. A categoria classe trabalhadora, ainda mais, aparece como pertinente e seu conteúdo concreto aparece reformulado no contexto atual, se comparado à trajetória política Argentina anterior à última ditadura (1976-1983). Se na Argentina existiu uma sociedade salarial e uma classe trabalhadora com valores e práticas institucionalizadas como tal, agindo a uma escala nacional e fazendo referência a direitos e princípios mais universais e abstratos, os dois casos em estudo mostram uma prática e princípios que tentam ser construídos a partir de uma escala menor e em ações mais imediatas que procuram dar conta primeiro de demandas de sobrevivência. Sem sindicato, sem a fábrica, e diante de outras formas de intervenção do Estado, os dois movimentos tentam construir uma identidade e uma prática centrada no trabalho, e que procura se apoiar em relações de proximidade e cotidianas no *bairro*.

Nas duas organizações, e em coincidência com análises recentes e mais gerais (Merklen, 2005) (Svampa, 2008), observa-se como esta nova configuração envolve uma complexa tensão entre a proposta de ‘autonomia’ dos movimentos e sua prática cotidiana para tentar garantir a sobrevivência dos integrantes dos movimentos e dos “vizinhos” do bairro. Nesta ação aparece uma função de negociação e gestão de recursos – muitos provenientes de ONGs internacionais, mas também distribuídos pelo poder público – com um horizonte temporal e de mudança política menor e fragmentado se comparada à ação e projetos de ‘classe’ do passado.

Mesmo que a proposta de ‘ação no bairro’ seja parte de uma tradição política de classe significativa,

e reconhecida como referência pelas organizações, esta herança aparece transformada. Já não se trata de ser uma organização única representante de um bairro – como podiam pretender as organizações de bairro em Buenos Aires da primeira metade do século XX<sup>7</sup> –, nem são uma simples replicação das ações de grupos de esquerda da década de 1970.

Para concluir na abertura das nossas questões olhando os casos aqui apresentados, notamos que visibilidade do MTD e de APROFA aponta também para a importância do momento histórico-concreto específico. A conjuntura do ano 2001 é socialmente interpretada por diversas instâncias como uma crise no emprego, mas também de legitimidade da classe dirigente. Nesse sentido podemos interpretar aqui, seguindo Boltanski (1984), que o discurso de autonomia dos poderes tradicionais e a luta por trabalho fazem uma referência a um interesse coletivo, o que lhe outorga maior visibilidade. Ainda, seguindo Thompson (1971), essas ações seriam também socialmente reconhecidas como justas, isto é, legítimas, na medida em que fazem uma referência a um direito reconhecido pela sociedade como tal, nessa conjuntura, mas também na tradição política argentina: o direito ao trabalho<sup>8</sup>.

Com estas questões em aberto, a proposta é avançar em posteriores pesquisas na análise da ação de setores dominados na sociedade argentina e latino-americana, onde práticas e discursos de setores dominantes pareceriam tender a apagar toda tentativa de (re)construção de uma classe trabalhadora questionadora da dinâmica e estrutura social vigente.

## **Bibliografia**

AGUIRRE, F.; WERNER, R. *Insurgencia obrera en la Argentina 1969-1976: Clasismo, coordinadoras interfabriles y estrategias de la izquierda*. Buenos Aires: Ediciones IPS, 2007.

ASOCIACIÓN MADRES DE PLAZA DE MAYO. Conferencia pronunciada el 6 de julio de 1988 por Hebe de Bonafini, Presidenta de la Asociación Madres de Plaza de Mayo, Asociación Madres de Plaza de Mayo. Disponível em: <<http://www.madres.org/asociacion/showit.asp?act=3>>. Acesso em: 17 jan. 2010 (a).

\_\_\_\_\_. Reseña de la historia de las Madres hasta 1995: Acciones, acontecimientos y luchas hasta 1995. Disponível em: <http://www.madres.org/asp/contenido.asp?clave=2379>>. Acesso em: 17 jan. 2010 (b).

AUYERO, Javier. *La política de los pobres: las prácticas clientelistas del peronismo*. Buenos Aires: Manantial, 2001.

---

<sup>7</sup> Ver ROMERO, L. A; GUTIERREZ, 1989.

<sup>8</sup> Esta relação com a mesma conjuntura, não por acaso, pode ser observada em outros movimentos com significativa visibilidade na época: os movimentos de desempregados em geral (SVAMPA e PEREYRA, 2003) e a ocupação e recuperação de fábricas por parte de seus trabalhadores (FAJN, 2003 e GHIBAUDI, 2004)

BECCARIA, Luis *Empleo e integración social*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001.

BOLTANSKI, Luc; Darré, Yan; Schiltz, Marie Ange. “La dénonciation” In Actes de la Recherche en sciences sociales, n. 51 – Março 1984, pp. 3-40.

FAJN, Gabriel (Coord.) *Fábricas y empresas recuperadas: protesta social, autogestión y rupturas en la subjetividad*. Buenos Aires: Ediciones del Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos C.L., 2003.

FLORES, Toty (comp.) *De la culpa a la autogestión. Un recorrido del MTD de La Matanza*, Buenos Aires: MTD Editora, 2002.

GHIBAUDI, Javier. *Territórios Com Classe?: uma análise dos movimentos de desempregados da Argentina contemporânea*. Anais do XIII Encontro ANPUR, Florianópolis, 2009.

\_\_\_\_\_ *Um lugar para eles: Fábricas recuperadas na região metropolitana de Buenos Aires (2001-2003)*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

INSTITUTO MOVILIZADOR DE FONDOS COOPERATIVOS (IMFC). *50 Años de Ideas e Ideales*. Buenos Aires: IMFC, 2008.

MERKLEN, Denis. *Pobres ciudadanos: las clases populares em la rea democrática (Argentina, 1983-2003)*. Buenos Aires: Gorla, 2005.

MURMIS, Miguel e PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudios sobre los Orígenes del peronismo*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.

ROMERO, L. A; GUTIERREZ, L.H. *Sociedades barriales, bibliotecas populares y cultura de los sectores populares: Buenos Aires, 1920-1945*. In: revista Desarrollo Económico, Vol. 29, No. 113 (Apr. - Jun., 1989), pp. 33-62.

SVAMPA, M.. *Cambio de época: movimientos sociales y poder político*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.

SVAMPA, M. y PEREYRA, S. *Entre la ruta y el barrio: la experiencia de las organizaciones piqueteras*, Buenos Aires: Biblos, 2003.

THOMPSON, E. P. *The making of the English working class*. New York: Vintage Books, 1966.

\_\_\_\_\_ “The Moral Economy of the English Crowd in the Eighteenth Century” In Past & Present, n° 50, February, 1971.